

PESQUISA

MOVIMENTOS SOCIAIS, DOCUMENTAÇÃO E HISTÓRIA ORAL

Maria do Pilar de ARAÚJO VIEIRA*
Yara Aun KHOURY**

O programa de História Oral que nos propusemos a desenvolver á parte de um projeto mais amplo, em torno da temática "Igreja e Movimentos Sociais: atuação dos cristãos no Brasil República - 1920-1980"¹, ligado à linha de pesquisa do Programa de Estudos Pós-Graduados em História da PUC-SP, "Movimentos Sociais no Brasil".

Este projeto, realizado por professores e pesquisadores, iniciou-se junto ao Núcleo de Pesquisa e Documentação Histórica (NPDH), órgão do Programa, hoje transformado em Centro de Documentação Geral da Universidade - CEDIC. Objetiva constituir, nessa Universidade, um centro para o estudo dentro da temática, mediante a formação de acervo e a organização de referência *sobre e dos* movimentos. Tal meta visa possibilitar meios para a recuperação da experiência dos sujeitos que pensaram e viveram os movimentos. Preservar sua memória significa abrir as portas para um diálogo com sujeitos que desempenharam papel significativo na configuração da sociedade paulista.

Esta proposta considera que a compreensão da atuação dos cristãos em movimentos sociais deva ser encaminhada de maneira bem ampla, de

* É professora do departamento de história da Faculdade de Ciências Sociais da PUC-SP.

** É professora do Programa de Estudos Pós-Graduados em História e Coordenadora do Centro de Documentação da Universidade - CEDIC na PUC-SP.

1. O projeto contou com apoio financeiro e bolsas de aperfeiçoamento e de iniciação à pesquisa do CNPq. Coordenado pela prof. Déa Ribeiro Fenelon, conta com a participação das professoras Estafânia Knotz Praga, Maria do Pilar de Araújo Vieira e Yara Aun Khoury e dos bolsistas Andréa Montelatto, Celina Izilda do Amaral, Lucilene Reginaldo, Rosana Misiara Lopes e Valério Antonio dos Santos.

modo a permitir que se incluam, em suas preocupações, as mais diferenciadas manifestações sociais de atuação, ao longo de diversas conjunturas históricas vivenciadas pela Igreja enquanto instituição no Brasil.

Numa primeira fase do trabalho, vimos privilegiando a atuação da Ação Católica Brasileira (ACB) e seus desdobramentos, sobretudo a Juventude Universitária Católica (JUC), a Juventude Operária Católica (JOC) e a Juventude Estudantil Católica (JEC), aí incluindo-se alguns dos movimentos com orientações diversas à própria Ação Católica, como os Círculos Operários. Isso possibilitou a ampliação lateral para organizar materiais da Frente Nacional do Trabalho (FNT), do Movimento de Educação de Base (MEB) e do Movimento "Ação Popular" (AP), bem como para iniciar contatos visando reunir documentação relativa às Comunidades Eclesiais de Base (CEBs) e Movimento de Pastoral, principalmente a Universitária.

No conjunto desse trabalho, os depoimentos orais tornam-se instrumento privilegiado para recuperar a complexidade dessa experiência, no sentido de ampliar as fontes de informação sobre o assunto e aprofundar o entendimento dos acervos preservados na PUC-SP e da organização e da trajetória do movimento, através da recuperação das propostas e dos conflitos dos sujeitos em ação.

Nossa perspectiva, nesse momento, de refletir sobre a documentação oral como instrumental significativo no estudo dos movimentos sociais pressupõe que a melhor maneira de conduzir essa tarefa é estabelecer os critérios que cobrem o universo do tema proposto.

Cientes de que entramos na discussão sobre Documentação e História Oral e sobre o papel que a memória e o entrevistador jogam na produção desse registro, procuraremos inicialmente salientar algumas questões que possam contribuir para essa reflexão.

Escolhemos experimentar nossa prática reflexiva, dentro de uma temática definida, por pensarmos que uma avaliação adequada dos supostos e dos procedimentos adotados deva ser travada no interior do objeto estudado.

Nesse sentido, pensamos o programa de História Oral como dimensão da recuperação da trajetória do movimento leigo ligado à Igreja Católica, compreendido como um fenômeno complexo que envolve questões práticas e reflexões teóricas, onde se cruzam tendências variadas e experiências diversificadas, dentro da perspectiva comum, abraçada por todos, de viver a doutrina social da Igreja.

Eis, dentro do objeto de estudo, alguns supostos:

- O movimento é construído pelos sujeitos em ação, a partir do modo como interpretam a doutrina, a função do movimento na realidade social

e a sua própria função nele. Salienta-se, nisso, que o pensar e o agir são dimensões de uma mesma prática que se cruzam na ação dos militantes e na formulação do movimento no acontecer histórico. Sendo intenção da equipe conhecer o modo de constituição do movimento e as transformações por que passou, os depoimentos são significativos para recuperar essa mudança. Com esse objetivo, como diz Bertaux², os depoimentos devem ser organizados de forma que se possa observar os agentes em sua relação recíproca e contraditória, para entender o processo que se quer documentar.

- A trajetória individual dos sujeitos ilumina uma dimensão dos fatos coletivos, e a experiência realiza-se tanto a partir de escolhas racionais, como de emoções, valores, aspirações. Conforme afirma Paul Thompson³, ao refletir sobre a metodologia do trabalho com depoimento, a experiência do indivíduo está enraizada na realidade social; por isso, a identificação do movimento deve caminhar junto à identificação do papel do indivíduo nele. No entender de Mandelbaum⁴, investigar passagens de vida é buscar compreender como indivíduos viveram uma experiência comum.
- Na coleta dos depoimentos individuais, o pesquisador deve atentar para a influência que a experiência presente exerce sobre a narração do sujeito. Como lembra Maurice Halbwachs⁵, o lembrar não é somente reviver o passado ou recuperá-lo, mas reconstruí-lo, repensá-lo com imagens e idéias do presente.
- Considerando que a prática de História Oral não constitui o simples armazenar e conservar depoimentos, mas criação de fontes históricas, deve-se considerar que entrevistador e entrevistado tornam-se atores de uma mesma experiência. Depoente e entrevistador, ao se unirem no objetivo comum de recuperar caminhos percorridos, cruzam suas próprias experiências. No dizer de Walter Benjamin⁶, narrador e ouvinte inserem-se num fluxo narrativo comum, vivo, em que a história continua

2. BERTAUX, Daniel. *Biography and Society - the life history in the Social*. New York, Ed. D. Bertaux, Sage, 1981, p.34.

3. THOMPSON, Paul. Des récits de la vie à l'analyse du changement Social. *Cahiers Internationaux de Sociologie*. Paris, 1980, 69, p.254.

4. MANDELBAUN David. The study of life story. In: BERTAUX, Daniel. op. cit., p.146.

5. HALBWACHS, Maurice, em sua obra *A Memória Coletiva*, (São Paulo, Vértice, 1990), desenvolve essa questão da influência da experiência presente na memória.

6. BENJAMIN, Walter. *Magia e Técnica, Arte e Política*. 2ª ed., São Paulo, Brasiliense, 1986, p.200.

aberta a novas propostas, novas possibilidades, e o “fazer” junto carregará sempre as perspectivas do presente.

Portanto, estamos conscientes da importância do documento assim produzido, pois significa a recuperação do vivido, transmitido por quem viveu, e da impossibilidade de ignorar o elemento memória, ou seja, a atribuição de significados que o depoente acrescenta à sua experiência social, assim como o entrevistador, ao escutar a narrativa e ao sistematizá-la.

Essas considerações influem nos procedimentos em relação às entrevistas:

- Elaboração de uma listagem exaustiva de possíveis depoentes, a partir de sua experiência no movimento, das funções que ocuparam e ocupam e de indicações obtidas através do acervo documental já analisado. Isto supõe, como trabalho prático, a organização da ficha do informante com dados preliminares para um primeiro contato.
- A opção por entrevistas livres e semidirecionadas, conforme as necessidades, e não por histórias de vida, é que a recuperação do movimento é o principal objetivo.
- Sem perder o fio condutor (recuperação do movimento), criar as condições para que o depoente se sinta à vontade e explicitamente informações variadas e abundantes, atentando para o fato de que o informante fala com sua própria linguagem sobre seus próprios problemas; é a sua representação do real.
- Conforme aponta Aspásia Camargo⁷, cada ator requer uma estratégia dependendo do seu temperamento e modo de ser. Cada depoente revela um enfoque, visões de mundo próprias, estilos, percepções, preferências, salienta mais esse ou aquele episódio, esta ou aquela característica. Maria Isaura P. de Queiroz⁸ lembra, ainda, que as revelações dos informantes fazem “ressaltar conflitos que podem agitar sub-repticiamente e por isso quedar ignorados”.
- O depoimento deve realizar-se sem constrangimentos. O entrevistador deve ter a sensibilidade de perceber e respeitar a liberdade do informante. Paul Thompson faz algumas advertências quanto à sensibilidade que o entrevistador deve manter frente aos depoentes, como o

7. CAMARGO, Aspásia A. *O Ator, o Pesquisador e a História - impasses metodológicos na implantação do CPDOC*. Rio de Janeiro, Fundação Getúlio Vargas, Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil, 1977 (mimeo).

8. QUEIROZ, Maria Isaura P. *Variações Sobre a Técnica de Gravar no Registro da Informação Viva*. 2ª ed. São Paulo, CERU e FFLCH/USP, 1983, p.71.

respeito à sua falta, propiciando as condições para que se exponha com naturalidade e emoção; se o entrevistador lhe impuser suas próprias categorias, estará exercendo violência sobre sua consciência. Nesse sentido, afirma que os materiais de história oral podem mostrar que os pressupostos do historiador são muitas vezes falsos ou inadequados à realidade que pretende conhecer. Adverte também quanto à tendência dos intelectuais de generalizar a partir da própria experiência, salientando que uma escuta, atenta e aberta, da narração do depoente, poderá conduzir a detalhes ricos e complexos da experiência social, sem recair, igualmente, na supervalorização das personagens⁹. As possíveis ansiedades do entrevistador, diante de expectativas, não devem interferir no diálogo. Possíveis descompassos entre entrevistador e entrevistado podem aparecer, pois trata-se de discursos diversos.

Observando este aspecto, o entrevistador deve estar atento para saber lidar com diferenças e insensibilidades diante de certas questões por ele colocadas, assim como estar aberto a observações e informações trazidas pelo depoente que, num primeiro momento, podem parecer irrelevantes.

Portanto, o desenrolar da entrevista deve apoiar-se nas informações prévias, assim como numa avaliação das potencialidades do diálogo, que indica quando se deve explorar mais uma questão ou, então, abandoná-la ou adia-la. Na maior parte das vezes, é a própria entrevista que orienta o elenco das questões subseqüentes, ou conduz a um tipo de depoimento mais livre, sem perguntas mais precisas.

Um dos objetivos da coleta do depoimento é diversificar testemunhos, para que se obtenha uma amostragem significativa de variadas tendências e se confronte pontos de vista dissonantes. Assim, deve-se atentar para as muitas repetições do mesmo fenômeno, para que este não se esvazie. Um mesmo fato pode vir acompanhado de explicações variadas que o pesquisador deve levar em conta. Além disso, deve considerar igualmente "grandes" e "pequenos" acontecimentos, pois o que pode representar importância para uns, pode não ser para outros.

Um "caderno de campo" deve acompanhar o processo da entrevista, com observações sobre o entrevistado, as circunstâncias da entrevista, o local, reações significativas, enfim, todas as observações e reflexões que ocorrerem ao pesquisador.

O registro de depoimentos por meio do gravador amplia as possibilidades do entrevistador. No entanto, possuir a fita gravada não constitui

9. THOMPSON, Paul. op. cit., p.254.

solução definitiva, nem para a guarda do material, nem para a pesquisa dos interessados. Coloca-se, assim, a necessidade de transcrevê-las, não só para a melhor preservação do seu conteúdo, mas, também, para facilitar a consulta dos pesquisadores. Por isso, à fase da gravação, deve seguir-se a fase da transcrição. O arquivo a ser montado deve-se consistir no conjunto de fitas, organizado segundo os respectivos movimentos, e nas respectivas transcrições, segundo os mesmos critérios, que serão melhor definidos após um número significativo de entrevistas.

Sendo os movimentos de leigos da Igreja numerosos e diversificados, a equipe do projeto vem realizando contatos preliminares com pessoas que viveram e atuaram em movimentos cujos acervos já se encontram em fase de organização na PUC, facilitando-se assim a disponibilidade de maiores informações prévias e o próprio contato. Entre elas, destacam-se membros da Juventude Universitária Católica (JUC), da Juventude Operária Católica (JOC), da Juventude Estudantil Católica (JEC), do Movimento de Educação de Base (MEB), da Frente Nacional do Trabalho (FNT), do Partido Democrata Cristão (PDC).

As primeiras informações obtidas nos acervos já possibilitaram um diálogo preliminar com algumas pessoas, compondo um total de 38 entrevistas, bem como a ampliação da listagem de possíveis depoentes. A equipe já estabeleceu alguns critérios para o levantamento das informações preliminares e para a realização das entrevistas. Evidentemente, porém, os próprios depoimentos trarão subsídios para o aprofundamento da organização das mesmas.

Os depoimentos serão colhidos de acordo com os seguintes critérios:

- militantes dos movimentos ocupando funções de direção;
- militantes de base dos vários movimentos (nesse grupo interessa particularmente a narração de membros que experienciaram conflitos com as propostas de orientação dos movimentos, chegando a enfrentar rupturas e até constituir novos grupos, partidos políticos etc.);
- religiosos que desempenharam a função de assistentes nos movimentos;
- participantes dos movimentos que não se engajaram como militantes, mas que partilharam essas experiências e refletiram a respeito, podendo trazer informações significativas;
- ex-militantes que se encaminharam para outros movimentos sociais, sobretudo populares e operários;
- ex-militantes que se transformaram em estudiosos do assunto em setores acadêmicos ou em instituições de pesquisa;
- pessoas que vêm se preocupando com a organização da memória dos movimentos ligados à Igreja.

Esses atores têm traduzido diferentes formas de interpretar a preservação da memória e a democratização da informação, como instrumentos

auxiliares da prática militante que interessa recuperar. Alguns dos nomes arrolados podem oferecer informações abundantes para essas expectativas preliminares da equipe. Outros, aparecem ainda através de seus apelidos ou apenas do primeiro nome, por serem assim conhecidos no movimento; seus nomes completos deverão ser esclarecidos a partir do aprofundamento das informações e da ampliação da rede de contatos.

Alguns deles chegaram a participar de mais de um movimento, simultânea ou sucessivamente, e recuperar seus depoimentos significa recuperar parte das razões e dos modos de integração ou conflito nos quais constituiu-se e ainda vem se constituindo o movimento dos cristãos em nosso país.